



## Notas sobre o comum e o sujeito do inconsciente

Marcus André Vieira

### Referência

Vieira, M. A. Notas sobre o comum e o sujeito do inconsciente. In. Psicanálise e Direito: Enfoques interdisciplinares. Rio de Janeiro, UVA/Faperj, 2013.

[Capa e índice](#)

### I.

De que modo uma análise contribuiria para sustentar o laço social? Em segundo lugar: supondo-se que haja vários, de qual laço estamos falando?

A primeira não é questão nova. Freud a destaca indiretamente em “O tratamento psíquico” quando traz para si o seguinte argumento: o senhor propõe análise, mas e a síntese?

Em outros termos: o inconsciente se apresenta como um material de memória fragmentar e desencaixado que rompe as cadeias amarradas da consciência levando a uma reconfiguração. Mas o que preside essa configuração? O que coordena a síntese?

Freud responde: não é preciso que nos preocupemos tanto com a síntese porque ela é espontânea, inicia-se assim que a interpretação se deu. É obra do “ego”, em articulação com o Outro social, afinal, o eu é nossa parte em acordo com o social. O difícil é localizar e dar lugar ao discordante, que é o material inconsciente.

Então, a primeira resposta à nossa pergunta seria: Uma análise não sustenta, pelo menos não diretamente, a coesão e coerência do laço. Ela “fura” o universal, apoiada na ideia de que ele, por si só, levará a uma nova configuração. Não seria o trabalho do analista cuidar dessa nova configuração, apenas acompanhá-la até que se estabilize.

### II.

A partir daí, permitam-me algumas superposições quase grosseiras. Assumo que este laço social geral, este universal de base é o delineado por Freud em *Totem e Tabu*. É o coletivo formado pelos filhos do pai da horda primeva do texto. É o mesmo teorizado por Lacan como o Nome do Pai, ou ainda o da estrutura edípica. Vou aproximá-lo ainda, para os propósitos dessa fala, do que Lacan formaliza, em “Radiofonia”, entre outros textos, como *discurso do mestre*.

Isso posto, é preciso reconhecer que estamos em tempos em que o discurso do mestre não pode mais ser tomado como laço universal. Hoje não apenas é necessário desconfiar dessa universalidade, da estruturação edípica, ainda afirmada por muitos psicanalistas, mas, mais que isso, assumir que no caso do Brasil, naturalizar a universalidade do discurso do mestre é naturalizar a violenta desigualdade colonial ainda hoje vigente.

É preciso optar pela pluralidade, por necessidade política. Não porque ela seja melhor em si mesma, mas porque é a melhor dado o mundo em que estamos, quando o abalo sofrido pelo Nome do Pai como universal de referência promove as tentativas de restauração de seu poder

ao modo supremacista, pelo braço-armado do poder e não mais pela Lei. Estamos exigidos a buscar no múltiplo o laço que não seja necessariamente tribalização (como propõe Maffesoli) ou dispersão. Pode ser na pluralidade do pensamento decolonial, por exemplo, na pena de um Eduard Glissant, no anticolonialismo de um Aimé Césaire, nas leituras de um mundo multipolar que prescindam da *pax* armada americana.

Não se trata, então, de “destruir o patriarcado” como prega o slogan, mas de retirar sua pretensão a uma verdade que diria o real (aliás, se não há raça no real, não há também mestre no real).

### III.

Uma observação antes de seguir com nossa pergunta. Em tempo de universal fraco, especial importância ganha o ordenamento jurídico. A constituição, o estado de direito, o consenso, as ficções jurídicas passam a ser vitais. Vale a analogia entre sujeito e sociedade. É como em uma análise quando se reorienta e organiza a realidade psíquica. Sabe-se de algum modo que a história reescrita é uma ficção, mas sabe-se ao mesmo tempo que essa ficção é mais ainda fundamental por não haver nada mais subjacente no real.

Assim evitamos a ideia de uma pragmática relativista. O temos é o que temos, mas o que fazemos com o que temos é que nos define. É essencial poder lutar pelas ficções humanitárias exatamente por serem ficções. São questões importantes quando vislumbramos, ufa, um governo de centro-esquerda, liberal, de Lula em lugar do facinoroso atualmente na presidência. A recomposição de um universal negociado democrático é fundamental.

### IV.

Torna-se pungente a pergunta sobre qual seria então o *comum* da psicanálise. O dispositivo analítico inventado por Freud dispõe uma lógica coletiva própria? Em outros termos, a prática de uma análise supõe que as relações estabelecidas entre o analisante e as formas de alteridade por ele encontradas em sua análise encerram um modo original de laço?

Sabemos que Lacan responde “sim” a essa questão ao desenvolver sua formalização do *discurso do analista*, tomando-o como um modo de estar e ser com outros. Um discurso, para Lacan, é um laço social ou, nos termos de Wittgenstein, uma *forma de vida*, no duplo sentido da expressão: tanto um modo de viver junto, quanto uma maneira própria encontrada pela vida para entrelaçar nossas vidas.

Quando falo em um dispositivo que dispõe, falo de uma prática que teria nela, embutido, um modo de laço próprio. Não falo do que essa prática disporia de um ponto de vista original *de onde* ler os fenômenos sociais. Isso sem dúvida aconteceu, e acontece. Há uma capacidade interpretativa própria do discurso analítico com relação às lógicas coletivas vigentes. Mas não é disto que estamos tratando.

### V.

Retomo, então, a questão: como trabalhar, então, como psicanalistas com universais fracos - no sentido que Jean-Claude Milner dá a expressão, ou seja, o de universais limitados? Teremos sempre que estar no contrapelo do universal de referência? *Hay Gobierno soy contra*? Qual laço seria a própria psicanálise ou quais laços seriam favoráveis a experiência do inconsciente. Qual seria, então, o *comum* que nos apoie? Um *nós* que nos reúna?

Quase em contraponto com o que propõe Freud, creio que precisamos defender a realidade e suas sínteses. Sabemos que ela é um sonho, nosso trabalho habitual é o de desrealizá-la, mas hoje, diante de tanta fragmentação, talvez tenhamos que escolher ao menos uma e reafirmá-la.

Entendo-a como aquilo do humano tomado como podendo ser outra coisa do que é. Essa não seria a possibilidade de um laço social cujo fundamento seria a *estranheza, o unheimlich* freudiano? Não seria a estranheza bem mais viva e aberta que a paranoia ambiente?

Não se trata de buscar Outra cena como realidade alternativa, mais ou menos utópica, mas sim a possibilidade das coisas, na distopia em que vivemos, sempre poderem ser Outra coisa. Na luta contra a necropolítica assim como na contramão alguns identitarismos ao modo neoliberal, é preciso sustentar a todo instante, como em nossa clínica, que um pobre possa ser outra coisa que não pobre, ou um negro, ou uma mulher.

É vital. Alguém que conheço perde o irmão, que se torna mais uma estatística assassinado com 7 tiros no dia 7 de setembro. Apenas essa possibilidade de Outra coisa me parece sustentar o prosseguimento de sua luta. Outra situação: uma analista que perdeu seu irmão gêmeo na luta armada da ditadura e assume que ela, também engajada, só sobreviveu porque o vira ouvira e sentia na faculdade o que poderia ser Outra cena.

Não é escapismo, mas apenas a subversão da alteridade fundamental embutida em qualquer eu. Possível em tempos de rede e reforço imaginário reacionário fascista? Possível em tempos de cancelamento? Possível para aquele que passa o dia alterando o seu corpo para se tornar um ser de *Photoshop*? Cabe a nós demonstrar que sim.

Para concluir, destaco como encontro esse apoio em dois livros:

## VI.

*Entre salas e celas*, de Marcelo Semer. São relatos, concretos, quase casos clínicos que circunscrevem o momento em que o juiz produz em ato uma mediação entre o universal do ordenamento jurídico e o particular de uma situação social subjetiva. Assumindo que essa mediação é quase uma solução a cada vez reinventada, Marcelo se propõe a não tomar a função-juiz como estando no céu (europeu), chegando, inclusive a situá-la como a de um juiz “social”.

O melhor é ouvi-lo falar:

Há muito mais a ser visto em uma sentença do que apenas os papéis que se sucedem nas autuações e que avolumam involuntariamente os processos. A vantagem e quem sabe o ônus, de trabalhar no crime, é que as pessoas que sofreram seus danos, aquelas que os viram acontecer e sobretudo, as que estão estarão sob nosso julgamento pela acusação de tê-los praticado sempre se apresentam ao vivo e a cores diante de nós. Com suas certezas e suas hesitações, suas lamúrias e seus perdões, seu viço, seu cheiro e a complexidade que existe em tudo aquilo que diz respeito à vida. De um jeito ou de outro, algum sopro de humanidade, por menor que seja nosso desejo ou capacidade de absorção sempre acaba por penetrar.

Desde que a reforma do processo nos obrigou então a ouvir as partes praticamente juntas fazer os debates e ainda julgar tudo na mesma audiência, sentenciar passou a ser uma tarefa mais intensa (...) Muito mais por respeito do que por sadismo, me acostumei a deixar os réus na sala quando dito a sentença, mesmo que isso cause qualquer percalço de gestão como ocorre com os presos. É certo que muitos deles não entendem bem o nosso dialeto cheios de vistos e de etcéteras mas ninguém mais do que eles tem o direito de ver a decisão que define suas vidas ser produzida diante de si (p. 121).

## VII.

Em *Notas sobre a fome*, Helena Silvestre realiza outro caminho. Em vez de mediação, toma a fome como parâmetro, até certo ponto universal. Dá à fome um peso e função tão grande e geral que parece estendê-la a todos, não apenas aos que não tem pão. É exatamente o que faz Lacan, toma o desejo como intransitivo, potência de viver e não exatamente desejo disso ou daquilo. Mas se essa fome é nossa dor maior assim nossa força maior, como manter a absoluta importância do fato de que quem tem fome não tem a mesma fome de quem não tem?

O tema da fome é muito delicado. Seja como for, Helena entende que com ela é possível afastar as promessas de abundância do capital. Argumenta que o problema é deixar a todos atormentados com a ideia que basta querer de verdade e "emprender". A imposição neoliberal dessa ideologia só se sustenta pela violência de uma repetição sem fim de dogmas indemonstráveis.

O melhor, novamente, é ouvi-la:

Saber sobre a fome é saber também sobre aquilo que as pessoas daqui aprenderam a chamar de desejo. Quanto mais a fome grita, com a sua boca enorme arreganhada em nossas barrigas mas o desejo se escancara, buscando alguma claridade luminosa onde possa agarrar suas unhas vermelhas.

Que fome é essa? O homem-calango, que filmava dores ressecadas do sertanejos, contava que a aparência digna da fome é a violência.

Não acho que seja violência a palavra que nomeie isso. A aparição digna tem a cara do Mapinguari. Abre sua boca enorme, inscrita no meio da barriga, e vocifera o urro que imita o som do caçador que ele devora (...).

A fome é humana.

A fome é uma Praga que os homens fabricarem contra outros homens e mulheres e é também o que move a ira do Mapinguari que deseja viver viver, que deseja o desejo sem narrativa da natureza, que é viver.

Saber sobre a fome é também saber sobre o desejo.

(p. 18).

## VIII.

Para Helena, o mito de uma abundância meritocrática que tem castigado e destruído muita gente, além de castigado destruído nosso país, ronda os seus como mosca de padaria. Uma inversão fundamental. A padaria é, por exemplo, um assentamento. As moscas são as exigências do capital.

Do lado errado da rua,  
nunca tem comida.  
Do lado esperto da rua,  
sempre tem polícia  
E a abundância ronda fome  
Como uma mosca de padaria  
(p. 105)

O que temos, nós analistas, a ver com isso? É que essa inversão se aproxima do que ocorre em uma análise. Nela, nos encontramos com os desejos os mais variados que nos acossam, não apenas os conscientes como também os inconscientes. E será preciso não levar a sério essa abundância de possibilidades. Quando a gente se mete um pouco com nossas histórias vai percebendo que a memória é inesgotável. Os mais velhos sabem disso e sabem o quanto é perigoso ficar só nas lembranças e desejos. É uma abundância que podemos chamar de sem limites porque a gente anda e não vê o fim. Será preciso aproveitar esse reino de ilimitado de histórias para com ele amassar o pão que conta, a montagem edição de si mesmo que seja ao mesmo tempo na vida e no sonho.

O querer do desejo é o que nos permite querer que nossos filhos possam andar à rua, que seus desejos possam se juntar com outros, que o desejo de Freud nos leve além da massa de paranoia para um tempo em que o ego aceite a contingência do desejo em vez de querer fixá-la. Precisamos contar com os *quereres* que cruzam a cidade. Eles seguem em desassossego, promovem ocupações, movimentos *slow*, saraus, intervenções, gozos *trans*, se encantam com os ininteligíveis, ignoram os *likes*, vibram com a comunidade da comunidade sem exército, dão artes de sobrevida a nossos jovens negros em tempos de genocídio. Por que não teria a psicanálise lugar nestes espaços?

## Bibliografia

- Freud, S. (1891) Tratamiento psíquico (tratamento del alma), *Obras completas de Sigmund Freud*, Buenos Aires, Amorrortu, 1985, vol. I.  
Totem e tabu, *ibid.*, vol. XVII.  
Lacan, J. "Radiofonia", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003.  
Maffesoli, M. Logique de la domination, Paris, PUF, 1976.  
Glissant, E. *Poética da relação*, Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2021.  
Cesaire, A. *Discurso sobre o colonialismo*, São Paulo, Veneta, 2020.  
Milner, J. C. *l'Universel en éclats (court traité de politique 3)*, Lagrasse, Éditions Verdier, 2014.

